

LE MONDE DE L'EDUCATION: N.º 13 L'ORTHOGRAPHE

O jornal francês "Le Monde" está publicando cadernos mensais especializados, entre os quais *Le Monde de l'Éducation*. No n.º 13, de janeiro deste ano, ele abordou a crise da ortografia na França, através de diversas colocações do assunto, que vão desde a posição oficial do Ministro da Educação, até as opiniões individualistas de escritores e críticos.

O assunto nos interessa de perto, pois a crise da ortografia é sensível também no Brasil e está movimentando especialistas e o Ministério da Educação, na procura de uma solução para o problema.

Segundo se depreende da maioria dos textos, não é um problema que se inscreva nos limites estreitos de uma discussão entre gramáticos, mas atinge proporções amplas, pois está ligado a toda uma concepção social e ideológica de cultura. Na França de hoje, apesar de sua profunda tradição intelectual, processa-se também a democratização do ensino secundário, aberto cada vez mais a alunos de faixas econômicas mais baixas. Tal democratização, ao contrário do que ocorre no Brasil, está sendo alcançada duramente na França, através de longas discussões, conquistando-se palmo a palmo o terreno, contra o conservantismo de uma concepção de cultura senão superada, pelo menos limitada a uma classe favorecida pelo seu bom nível econômico.

Sem dúvida, há na França uma faixa de intelectuais esclarecidos que defendem a cultura humanística porque esta se integra dinamicamente em suas atividades. Mas há uma boa porção da burguesia que adota posições mitificantes, usando a cultura humanística apenas como uma distinção de classe.

Em 1968, quando se discutia a supressão do latim na primeira série do curso secundário, a fim de estender por mais um ano as séries comuns, a todas as crianças, o jornal "Le Monde" citou uma carta de um pai indignado, que protestava contra a supressão do latim "porque seu filho iria estudar as mesmas disciplinas que o filho do porteiro"...

Dentro desse estado de coisas, a ortografia tem sido um dos instrumentos de bloqueio ao acesso a classes que se beneficiam dos estudos superiores e de melhor *status*.

Felizmente, no Brasil, nosso atraso cultural, a superficialidade de nossas tradições intelectuais, garante um aspecto positivo: a ignorância da ortografia não é discriminatória, pois ela atinge todos os níveis de estudantes, do primário ao superior, e nem por isso alguém deixa de ser aprovado...

Os artigos de *Le Monde de l'Education* nos mostram que, apesar das diferenças, muitos paralelos podem ser estabelecidos entre a crise da ortografia na França e no Brasil. E o conhecimento do que se passa na França pode nos acautelar quanto a distorções do problema e nos sugerir soluções para a crise.

O trabalho mais importante é a apresentação do problema por Jacques Cellard, "L'orthographe, un monument de la société bourgeoise". Ele inicia seu trabalho mostrando que, em matéria de ortografia, predomina nos franceses o espírito conservador. A tal ponto que mesmo os que são considerados muito evoluídos, como o caricaturista Siné, não estão dele isentos. E cita um desenho onde, para caracterizar um dos tipos mais repulsivos da sociedade francesa, um "para", desenhou-o carregando um cartaz com enormes erros de ortografia...

Após resumir alguns pontos difíceis da reforma ortográfica do francês, em particular as conseqüências da adoção de uma grafia fonética, o autor apresenta um histórico da questão ortográfica na França.

As reflexões sobre a ortografia iniciam-se com a imprensa, no século XVI, e também já as tentativas de reforma. Na França, só uma é finalmente levada a cabo, em 1740. Após essa data, instala-se um espírito extremamente conservador, consolidado pela Revolução Francesa e por Napoleão — e que culmina com a subida ao poder da burguesia liberal, em 1830. É a partir dessa data, segundo J. Cellard, que a ortografia se transforma num instrumento político, manobrado pela classe dominante, que fixa, por lei, as formas mais complicadas de grafia. "Cette complexité inutile servait parfaitement les objectifs de la nouvelle classe dominante. Momifiée et sacralisée: dans son byzantinisme, cristallisant autour d'elle toute une idéologie des rapports sociaux, l'orthographe marquait fortement la distance entre la langue du peuple, parlée (et peu ou mal écrite), et celle des "nouveaux clercs" bourgeois. (...) les consignes officielles faisant d'une "bonne orthographe" la condition rigoureuse de l'accès à la fonction publique, tout

concourait à en faire non plus (...) “une *“bonne orthographe”* du français (...) mais une institution, un monument historique.” (p. 7)

O ditado e o conteúdo dos textos completavam o aspecto coercitivo do ensino, que se torna cada vez mais orientado pelo Estado, a medida que se organiza o ensino primário obrigatório. Por volta de 1880, “réussir la dictée du certificat d’études devint l’espoir suprême et la suprême pensée de centaines de milliers de fils de paysans ou d’ouvriers, et de leurs maîtres. (...) Mobilisant l’attention sur le compliqué au détriment du simple, sur le littéraire au détriment du réel, sur le traditionnel au détriment de l’actuel, orthographe et dictée sont des instruments d’enculturation et de sélection au service de la reproduction des rapports existants.” (p. 7)

Esta situação se manteve até bem recentemente, e só a partir de 1968 é que movimentos contra a tirania da ortografia e a discriminação que ela engendrava, começam a se manifestar de forma marcante.

Para J. Cellard, a ortografia francesa é ainda hoje o que há de mais “bloqué dans la société française” (p. 8) e ele mostra que políticos, sociólogos, a opinião pública enfim, ainda *não quer* realmente, simplificar a ortografia, pois se o quisessem já o teriam feito.

Encaminhando o fim de seu artigo, o autor chama a atenção para a predominância da expressão oral em nossos contatos de hoje. E para o fato de que na comunicação escrita, a leitura é muito mais freqüente que a redação, bastando ao leitor apenas entender o texto que lê, sem ser obrigado a enfrentar as dificuldades da ortografia, ao contrário da pessoa que escreve.

Ora, somente o estudante é obrigado a escrever sem poder consultar um dicionário e somente ele é punido por erros de ortografia... “Il se sent placé en face de l’orthographe comme un accusé permanent dans un procès kafkaïen”. (p. 9)

E abordando aspectos da crise atual na França, constata entretanto: “depuis quatre siècles que le système graphique du français est fixé dans ses grandes lignes, il n’a jamais été véritablement maîtrise, ni par la totalité de la classe intellectuelle, et sans doute même pas, à aucun moment de l’histoire, par la majorité de celle-ci. Aujourd’hui, combien de français écrivent et orthographient sans faute ni hésitation? Un sur dix? Certainement pas. Un sur cent? c’est douteux. Un sur

mille?...” (p. 9) (imagine se o autor do artigo viesse ao Brasil...)

Para J. Cellard, as razões destas proporções seriam antes de mais nada, a existências de duas línguas francesas: a falada e a escrita, entre as quais já se estabeleceu uma grande distância. E a escola, por sua vez, não proporciona aos alunos as ligações necessárias para a passagem de uma a outra. Assim, são os estudantes os mais prejudicados e, para libertá-los, o autor propõe a criação da profissão de “ortografador”, como solução imediata ao problema. Proposta que nos parece quase uma gozação para um assunto que exige decisões tão drásticas que seguramente não será atacado como deveria ser.

Terminando seu comentário, insiste no aspecto social das coações da ortografia, alertando a opinião para o aspecto psicológico, que tem efeitos tão negativos, em consequência dos métodos usados no ensino da ortografia na França: “avant d’agir sur l’objet-orthographe, se soucier des sujets, et d’abord des élèves. Qu’elle soit le jeu “bête et méchant” des adultes ou le psychodrame national, l’orthographe est mal ou très mal “vécue” par des millions d’enfants et d’adolescents. C’est de cela, d’abord, qu’il faut prendre conscience.” (p. 10)

* * *

Segue-se um artigo de Hélène Huet, sobre os problemas do ensino da ortografia, em particular sobre as “ilusões do ditado” e uma série de opiniões de pessoas e entidades importantes na França sobre o assunto.

Inicialmente, a posição do ministro da Educação, René Haby, que pretende tomar “medidas de urgência” nada simplificadoras. Elas se resumem em recomendações pedagógicas genéricas para o ensino da ortografia.

Em seguida a posição cautelosa da Academia Francesa, que pretende propor pequenas mudanças a fim de “corrigir as mais chocantes anomalias”. E a posição francamente conservadora do Partido Comunista, que se pronuncia por “uma simplificação moderada”.

Segue a opinião de alguns escritores, bastante curiosas e muito individualistas: Indiferentes aos protestos de ordem social e psicológica, os escritores insistem na “fisionomia” particular das palavras escritas. Assim, Jean Dutourd é “irredutivelmente hostil” à simplificação, porque, escreve ele, “les mots, pour un écrivain, ne sont pas seulement des sons. Il ont aussi une figure qui joue son rôle dans l’écriture puis dans la

lecture. Une page est faite pour l'oeil autant que pour l'oreille" (p. 16). E Roland Barthes não tem uma posição diferente, embora se coloque no pólo contrário: ele protesta contra a ortografia unificada, imposta por lei, defendendo a ortografia como criação individual... "si l'orthographe était libre, elle pourrait se constituer une pratique très positive de l'expression; la physionomie écrite du mot pourrait acquérir une valeur proprement poétique, dans la mesure ou elle surgirait de la fantasmatique du l'escripteur, et non d'une loi uniforme et réductrice." (p. 17)

Finalmente, se pronunciam os professores — estes, com os pés na terra — e todos contra a atual grafia do francês. Para os mais extremistas, os da escola Freinet, ela constitui "um desperdício de tempo e de energia" e propõe vigorosamente sua desmitificação. Os outros professores, além do Sindicato Nacional dos Professores Primários, embora menos agressivos, são também pela simplificação drástica da ortografia francesa.

Embora as opinião divirjam, conclui-se, sem esforço, que são pela reforma ortográfica todos aqueles que estão obrigados a lutar contra a sua complexidade, como os professores, os alunos e que, pela suas atividades, podem sentir mais de perto as conseqüências negativas da complexidade que todos conhecemos.

CHRISTIANE MARIE DUMORTIER
QUINTINO DE ALMEIDA